



Tema:
**"OS DESAFIOS DA INTERNACIONALIZAÇÃO
NA UNIMEP"**



11º UNICULT - VII Concurso de Contos e Crônicas

UM HOMEM, UM FUTURO.

Autor(es)

GBRIBEIRO

Contos / Cricas

UM HOMEM, UM FUTURO

Arthur Jordão

Enzo vagueava pelas ruas escuras. Entrou num cybercafé. O néon vermelho indicava *aberto*. O cheiro da cerveja lhe causou náusea. O barulho dos games fazia sua cabeça girar. Colocou sua jaqueta couro preto numa cadeira e sentou diante de um monitor. Suas mãos caíram sobre o teclado. Tentou acessar da maneira tradicional mas sua conta estava bloqueada. A IA – Inteligência Artificial – da corporação observava tudo. Era impossível não ser vigiado por ela. Num mundo dependente da tecnologia, a IA controlava tudo, de simples transações bancárias até o funcionamento das fábricas e usinas de energia. Engoliu a seco um losango prateado e deixou o café.

— A colônia de Dramita está esperando por você. Garanta já o seu lugar antes que a Terra desapareça. — ecoava a voz suave, enquanto imagens da colônia espacial Dramita, uma enorme estrutura vagueando na órbita da Terra, eram exibidas no monitor colossal de plasma.

Enzo olhou rapidamente para ele. Faltava pouco para que ele pudesse ter uma vida tranqüila em Dramita. Muito pouco mesmo. O Hotel seria uma péssima idéia. A essa altura eles já estavam na sua casa, revirando tudo, pegando seu computador e todas suas coisas pessoais, tentando achar uma pista de onde ele estaria. Lá seria o local mais óbvio. Enzo sabia onde teria que se enfiar. E isso lhe dava calafrios. E sabia da única pessoa que conhecia lá. Zap. No subúrbio.

Pela primeira vez desde que começara a trabalhar na Corporação ele deixava o conforto do lar e infiltrava no submundo.

Zap assustou ao ver Enzo na porta de sua casa. Se é que se pode chamar aquilo de casa. Pela fresta, ele se defendeu.

— Ei, você por aqui? Mas que merda é essa? Cansaram de me rastrear na rede e agora estão vindo pessoalmente. Ainda mais você? Podiam ter mandado um guarda, mas mandam logo um cara do primeiro escalão. Olha...

— Ei, Ei, cale a boca. Abra logo esta porta. Estou faminto.

— Olha cara, eu sei que eu pisei na bola, mas eu nunca mais vou tentar entrar na IA da Corporação. Eu só tava brincando.... eu..

— Não me interessa mais. Eu tô na sua agora. Me pegaram também.

Zap abriu. Estava assustado não parava de falar. Era um negro bastante magro. Tinha os dentes bem claros e os olhos esbugalhados.

— Como assim na minha? Qual é cara, você é lá de cima. Não pode “estar na minha” assim. Aqui é o submundo. Aqui é meu lar...

— Escuta, preciso comer. Tem algo nessa espelunca?

— Olha lá como fala. O que você está querendo? Eu não tenho dinheiro. Quer dizer, tenho alguma coisinha, mas é pra eu passar uns dias. Pra eu comer sabe... as coisas são difíceis aqui embaixo.

Enzo o ignorou. Procurou uma geladeira, mas não encontrou. Zap morava num quarto com lixo eletrônico jogado por todo lado. Foi o que melhor conseguiu ali na região. Não passava de um depósito de entulho tecnológico, que ele transformou num quarto.

— O que você tem pra comer aqui, afinal?

— Pô cara, você me pegou desprevenido. Jamais esperava receber visita assim tão ilustre. Tenho somente um pouco de ração. Mas me diz, o que está fazendo aqui? — indagou enquanto pegava um pacote de dentro de um terminal quebrado.

— Preciso de um trampo. Os caras me ferraram. — disse enquanto mastigava

— Trampo? Ta brincando? Você é uma lenda lá da Corporação. Não é possível que esteja solto assim.

— Acontece que o pessoal de lá não pensa assim. Olha não tô com saco pra explicações agora, ok? Preciso de grana e um lugar pra ficar. Você tem algo pra mim ou não?

— Sei lá. As coisas estão meio complicadas. A IA tá de olho em tudo. Você sabe disso. Talvez eu possa te arranjar algo umas entregas de dados. Mas... nossa... agora com você aqui podemos melhorar. Você conhece aquela IA como ninguém.

Enzo concordou com a cabeça.

— Escuta. Você não pode falar pra ninguém que estou aqui. Pego o trampo, mas não posso aparecer. Quem sabe eu possa te ajudar na IA. Estamos do mesmo lado agora, sacou?

— Claro, claro. O Zap aqui é bico calado.

— Como você consegue viver aqui? — disse olhando em volta.

— Cara, não é todo mundo que tem a chance de morar na Arco como você. Aqui a gente se vira como pode. Mas, diz aí, como é que funciona aquela IA? Eu não consigo entrar de jeito nenhum.

— Depois conversamos. Preciso descansar agora. Estou a dois dias na rua. A única pessoa que pensei foi você.

— Poxa, que honra. Mas claro, claro. Depois conversamos. Pode deitar ali ó. É sintético cara. Conforto garantido. Peguei num contrabando aí.

Enzo acordou sentindo um gosto ácido na boca. Ele não estava acostumado com o clima seco do subúrbio. O ar era podre. Olhou ao redor. Zap havia saído. Vestiu as calças e a bota cano longo e saiu com a jaqueta no ombro.

Achou Zap no ChatPlaza. Sua cabeça estava pesada.

{C}— Ei irmãozinho. Estava precisando dormir mesmo... Eu não agüentava ficar mais naquele quarto. Precisava dar uma volta. Você não saía mais da cama.

{C}— Preciso tomar alguma coisa.

{C}— Então você veio ao lugar certo. Moe, manda uma cerveja pro meu amigo aqui.

{C}— Ei cara, é verdade que a Corporação armazena os dados de todas as pessoas no mundo, e sabe tudo o que elas fazem?

{C}— Sim. Fica tudo registrado no servidor. A IA está em toda parte e controla tudo. E quem controla os dados controla o mundo.

{C}— Quer dizer que eles sabem que você está tomando esta cerveja?

{C}— Sim, e que você também está com suas calças sujas!

{C}— Uau! — Zap corou. — O pessoal está planejando acabar com a Corporação.

{C}— Desde que ela existe. E você acha que não sei. Todas estas tentativas de invasão, eram pra que?

{C}— Não irmãozinho. Desta vez é diferente. Explosivos. Vão mandar tudo para o ar.

{C}— Impossível. A IA não permitiria.

{C}— É não irmãozinho. Já aprontamos tudo.

{C}— Quer dizer que você está envolvido nisso também!

{C}— Olha, não dá para viver assim. Você viu o buraco que estou. Aquela IA não nos deixa fazer nada. Mas escute, por enquanto tenho algo pra você.

{C}— O que é?

— É uma entrega de dados. Coisa simples. Mas é o que o Zap conseguiu por enquanto. Esteja no porto daqui a 2 horas. Procure por Nita. E leve isto.

Zap se abaixou e pegou uma mochila. Tirou uma caixa que tinha o formato de um tijolo.

— Que porcaria é essa?

— Os dados ora.

— Você acha que vou andar por aí com esse trambolho?

— Ih. Aí irmãozinho. Não zomba não. Esse é meu drive de transporte de dados. Foi o melhor que eu consegui certo?

Enzo puxou um cabo de trás da nuca.

— Tá de sacanagem? Vai explodir seu cérebro. Tem mais de 10 teras de dados aqui.

Conectou o cabo na caixa de Zap. Dois segundos depois um bip soou.

— Caraca irmãozinho. Que doideira é essa?

{C}— Implante cibernético. Um parceiro me trouxe lá da Colônia Espacial. 50 pentas, escondidos no cérebro. Gostou? — deu uma piscadela. Quem sabe eu te arranjo um. E faz um favor, joga essa merda fora. Ah, qual o código de encriptação?

{C}— Cacete irmão! É quase o servidor da IA! Olha, a senha. — Zap jogou um pedaço de papel na mão de Enzo.

{C}— Um papel. Há quanto tempo eu não via isso.

{C}— É sintético. Madeira é não tem por aqui irmãozinho.

Enzo saiu do chat e semicerrou os olhos pra tentar enxergar melhor no meio da fumaça. Pulou no metrô e minutos depois desceu no porto.

O cheiro de esgoto causou-lhe náuseas. Esperou seu corpo se acostumar. Lá ao fundo podia ver a Arcologia. Seu antigo lar. Um mundo dentro do mundo. Uma estrutura gigantesca acessível para poucos. Água tratada, ar filtrado, comida de verdade. Até um parque havia. Tudo isolado como uma enorme estufa, num enorme prédio.

No outro extremo do horizonte, estava o prédio da Corporação. Imponente, tocando o céu.

Procurou por Nita, mas ela o achou antes. Chegou por trás e lhe deu um beijo no rosto.

— Chegou bem na hora do show querido.

Um estrondo começou pequeno e logo todas as vidraças próximas começaram a quebrar. A estrutura de aço do porto começou a tremer toda. E lá ao fundo a Arcologia explodiu, e começou a desabar lentamente, até desaparecer por completo debaixo da fumaça cinzenta.

Em seguida, o prédio da Corporação estremeceu e sucumbiu envolto em fogo. Logo, o céu atrás deles era visto nitidamente.

Zap chegou correndo. Estava pálido.

— Nita! Irmãzinha! Os explosivos! Algo saiu errado!

— Calma Zap. Está tudo sobre controle. Nós já estamos com os dados!

Enzo bateu com a ponta dos dedos na sua cabeça. Zap o encarou e esbugalhou os olhos!

— Irmãozinho! Você nem me falou nada! Foi por isso saiu da Corporação então. Você roubou os dados! – exclamou Zap.

— Precisávamos que você cuidasse dele Zap. Pensei que se não soubesse ficaria mais tranquilo. E você foi muito bem. Esse trampo que te passei era só fachada. Os dados já estavam com Enzo. Agora podemos montar nossa própria IA, sem rigor, e democrática. — explicou Nita.

— Irmãozinho, temos que cuidar muito bem de ti. Você é a pessoa mais valiosa do mundo. Nosso futuro depende de você.

A fumaça dissipou e pela primeira vez os três puderam ver estrelas errantes no céu negro onde outrora havia a Corporação.